

# HISTÓRIA DOS ESTIGMATINOS NO BRASIL



PE. BENEDITO ANDRADE BETTINI, CSS

Edição Eletrônica: Outubro de 2005

### Pe. Benedito Andrade Bettini, CSS



Pe. Benedito Andrade Bettini nasceu em Dois Córregos, SP, Brasil, em 1927. Foi ordenado Sacerdote da Congregação dos Sagrados Estigmas, Província de Santa Cruz, Brasil, em 08/12/1953.

Durante sua vida sacerdotal, juntamente com as funções de Vigário Paroquial, tem exercido a função de Historiador dos Estigmatinos no Brasil.

É o tradutor de muitas obras do Italiano para o Português, dentre as quais:

- o livro “Um Santo para o nosso Tempo”, do Pe. Lídio Zaupa, CSS;
- o livro “Na Escola de Deus com São Gaspar Bertoni”, do Pe. Inácio Bonetti, CSS;
- a coletânea “Ensaio sobre o Espírito de São Gaspar Bertoni”, do Pe. Giuseppe Furlani, CSS, com obras de diversos autores;
- o livro “O Venerável Pe. Gaspar Bertoni”, do Pe. Nello Dalle Vedove, CSS;
- e muitos outros livros e artigos.

Escreveu o livro: “A Doença Bem Aceita É Uma Graça”, inspirado no exemplo de vida de São Gaspar Bertoni, que fez de suas enfermidades instrumentos de redenção e louvor a Deus.

No ano de 1995 publicou uma revista comemorativa aos 50 anos do Seminário Estigmatino de Ribeirão Preto. Recentemente escreveu a História dos 90 Anos dos Estigmatinos no Brasil (1910 – 2000).

Pe. Bettini é também responsável pelo Memorial da Congregação no Brasil.

Recentemente, em 08/12/2003, ele celebrou seu Jubileu de Ouro Sacerdotal.

§§§

Editoração Eletrônica:

Pe. Ézio Fernando Juncioni, CSS  
Pe. Antônio Luiz Medeiros dos Santos, CSS

## APRESENTAÇÃO

Sempre falando sobre a história dos Estigmatinos no Brasil, achei que precisava ter um roteiro que ajudasse a explanação.

Depois que comecei a falar anualmente sobre a história da Província Santa Cruz, aos noviços, senti ainda maior necessidade desse trabalho.

Pensando, também, que aos poucos vou tendo de deixar o trabalho para outros, e querendo facilitar-lhes o trabalho, resolvi compilar, ainda que muito pobremente, um resumo de uma HISTÓRIA QUE FOI VIVIDA POR "VERDADEIROS HERÓIS", antigos e modernos.

A História, que é sempre a mestra da vida, bem conhecida, ajuda muito a sobrevivência de uma instituição, principalmente de uma Congregação religiosa.

Então... aqui está o pequeno trabalho. Este amontoado de dados e citações, poderá e deverá ajudar na formação dos que começam, e reforçar a vivência dos que já caminham.

---

Complementando "OS NOVENTA ANOS DE ESTIGMATINOS NO BRASIL" existem outros pequenos apanhados, e grandes fontes de onde foram tirados:

"NOSSA MEMÓRIA" é uma série de publicações que devem ser conhecidas, porque trazem uma riqueza de pormenores e fatos.

Eis uma fonte de apoio para quem quiser se aprofundar:

"VERDADEIRA HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO E PRIMEIROS PROGRESSOS DA MISSÃO ESTIGMATINA NO BRASIL" - 1910 -1925 - pelo Pe. Henrique Adami.

"CRÔNICA DA VIDA ESTIGMATINA NA AMÉRICA DO SUL DE 1910 a 1922" pelo Pe. Ferruccio Zanetti, que se encontra em NOSSA MEMÓRIA - Vol. I - Fasc. II - pgs. 01 a 137;

FUNDAÇÃO e ENCERRAMENTO DAS COMUNIDADES - NOSSA MEMÓRIA - Vol. I – Fasc. II - pgs. 138 a 252;

CONFRADES FALECIDOS (apanhado do que foi escrito sobre eles) - NOSSA MEMÓRIA - Vol. II - Fasc. I e II - pgs, 337-544.

FORMAÇÃO - Há uma pasta particular sobre formação, com citação sobre o assunto desde o início de Rio Claro.

NOVICIADOS - Há uma pasta particular sobre os noviciados (56), com data, local, número e nome dos noviços, mestres, etc. Foi iniciada pelo Pe. A. F. Mariani e continuada depois.

MISSÕES - Há, também, uma pasta sobre o assunto.

DISTRIBUIÇÃO DOS CONFRADES NAS COMUNIDADES desde 1911 a 2000, também se encontra em uma pasta especial.

UM RESUMO DAS CRÔNICAS DE ALGUMAS COMUNIDADES, atuais ou fechadas: Tibagi - Palmeira - Porto Amazonas - Ribeirão Preto - Marília, por enquanto.

FAZENDA SANTANA - Pasta com cópia de documentos, resumo das crônicas e comentários (em formação).

FOTOS - Quanto a fotografias, existem álbuns das casas de:

São Benedito, Campinas-SP; Parada Inglesa, São Paulo; Sales Oliveira-Nuporanga-SP; Praia Grande-SP; Marília-SP; São Paulo, Mooca; Palmeira, Porto Amazonas-PR; Rio Claro-SP; Paraguaçu Paulista-SP; Ribeirão Preto-SP; Barretos-SP; Ituverava-SP; Santa Cruz-RJ; Casa Branca-Itobi-SP; Tibagi-PR; São Caetano do Sul-SP; Limeira-SP; Castro-PR; (atualmente já temos praticamente de todas as comunidades) e Chile.

Mais:

FOTOS INDIVIDUAIS DE CONFRADES (álbum especial);  
NOVICIADOS – ORDENAÇÕES (álbum especial);  
FUNDAÇÕES (álbum especial) e mais uma grande riqueza de fotos de todos os tipos.

## INTRODUÇÃO

### **JESUS disse:**

"Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos". (Mt 28, 19-20).

### **SÃO GASPAR disse:**

"Ide, ensinai - em qualquer lugar, na diocese e no mundo".

## PREPARAÇÃO REMOTA

Latente nestas ordens a idéia de fundar Missões no exterior, foi sempre uma coisa viva na Congregação dos Estigmatinos.

A presença de Missionários, que partiam para levar a Palavra de Deus pelo mundo, que nos Estigmas iam buscar conselhos e orientação com o santo Fundador, ia devagar desenvolvendo a idéia e a vontade, principalmente nos mais jovens.

Vamos apresentar alguns trechos da Breve Crônica que ilustram o assunto:

"Em 1857, precisamente no mês de agosto, encontramos nos Estigmas para um curso de Exercícios espirituais os Pes. Daniel Comboni e João Beltrame, com seus companheiros os Pes. Dal Bosco, Melotto e Oliboni, enviados pelo Pe. Mazza, a fim de preparar-se para a grande Missão na África Central". (B. C. - n. 100).

"Pe. Francisco Sogaro (estigmatino) pede em agosto de 1874 seu desligamento do Instituto. 'Ele aduzia como motivo a vocação que sentia e que sempre tivera, para as Missões estrangeiras"'. (B. C. - n. 135).

"Em outubro de 1881 morreu Mons. Daniel Comboni, vigário Apostólico da África Central, e como seu sucessor foi eleito o Pe. Francisco Sogaro. ... O Pe. Sembianti ... pediu ao nosso superior Pe. Pedro Vignola como companheiro para o Pe. Sogaro o Pe. Domingos Vicentini (estigmatino) que desejava aquela missão". (B. C. - n. 162).

"Em junho de 1884 o Vigário Apostólico da África Central Pe. Francisco Sogaro escreveu ao Superior propondo-lhe entregar aquela Missão à Congregação Estigmatina e de fundir o nosso Instituto com o da Nigrizia". (B. C. - n. 170).

"Enquanto Pe. Vicentini com insistentes pedidos conseguiu ir para as Missões da África, também o Pe. Vivari pedia insistentemente para ir àquela Missão, ou antes, colocar-se a disposição da Sagrada Congregação da Propaganda". (B. C. - n. 170).

No entanto D. Sogaro pediu de novo o Pe. Vicentini para a África, e não tendo conseguido, recorreu à S. Congregação da Propaganda que em seu nome o pediu por dois anos (13 de março de 1888). O Pe. Superior geral, portanto, o cedeu; e assim o Pe. Vicentini partiu no mês de agosto... (B. C. - n. 177).

Quando foram aprovadas as modificações das Constituições (XIII Capítulo geral - 1890) os Pes. Domingos Vicentini, que havia voltado da África no ano anterior chamado pelo Superior, e José Marocchi saíram desgostosos

da sala capitular, e pouco depois apresentaram o pedido formal de dispensa dos votos. (B. C. - n. 182).

### PREPARAÇÃO PRÓXIMA

"Evidentemente os tempos e as circunstâncias do Instituto, não estavam ainda preparados para receber a grande idéia que medrava no coração de todos; e o Venerável, do céu, julgava não ter chegado ainda o momento de dar... o sinal divino para o novo caminho". (N. M. - p. 1)

A idéia continuou. A América passou a tornar-se a mira.

"Pela primeira vez o nome do BRASIL aparece na Congregação quando, em 1886, por meio do Cardeal Luiz di Canossa, o internúncio do Brasil pedirá uma fundação nossa em Cuiabá, no Mato Grosso, oferecendo o ensino e a direção do Seminário". (B. C. n. 7 - 3º período).

Só em 1986 os Estigmatinos foram ao Mato Grosso em São Félix do Araguaia.

Em 1896, também houve outro pedido. O Bispo de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, pediu a abertura de uma casa para a assistência religiosa a 200.000 italianos que se encontravam na sua cidade e diocese. O nome da nossa Congregação foi-lhe sugerida pelo Pe. Domingos Vicentini.

"FINALMENTE A IDÉIA VINGOU EM 1905, QUANDO DOIS ESTIGMATINOS, PE. ANTONIO DALLA PORTA E PE. LUDOVICO LUCCHI, NO DIA 08 DE OUTUBRO CHEGARAM AOS ESTADOS UNIDOS E SE ESTABELECEM EM SCRANTON, PA. O bispo os acolheu com grande cordialidade, e deu-lhes todas as faculdades necessárias para exercer o ministério sacerdotal em favor dos italianos, e para adquirir uma propriedade e construir uma igreja". (B. C. - n. 18 – 3º P.).

Quanto ao BRASIL os pedidos continuaram.

Em 1905 o Bispo de São Paulo D. José de Barros, por intermédio dos Escalabrinianos, pediu três Padres para uma fundação na sua diocese e oferecia um local conveniente (1). Parecia, logo de saída, que se fosse aceitar o convite, mas depois o pensamento foi abandonado com grande desprazer do Bispo.

(1) - "Por uma carta do Pe. Luiz Capra, Escalabriniano, soube-se que os nossos Padres eram esperados ansiosamente de um dia para outro. Pe. Ferruccio Zanetti, mais tarde (16 de março de 1914) escrevia que o local oferecido pelo bispo, naquela ocasião, era a cidade de Campinas, que então pertencia à Diocese de São Paulo. O clero de Campinas dizia em 1914: Campinas deveria ter sido toda dos Estigmatinos. Dizem também que Amparo era uma das opções.

A ligação dos Estigmatinos com os Escalabrinianos, ou Missionários de São Carlos, foi sempre muito grande. Pe. Domingos Vicentini saindo da Congregação entrou para os Escalabrinianos, onde se tornou Superior Geral, e continuou sempre muito amigo nosso. Pe. Luiz Capra foi noviço estigmatino e colega de noviciado de Pe. Albino Sella. Pe. Faustino Consoni, foi ao mesmo tempo o pai e o maior benfeitor dos primeiros que aqui chegaram".

Em 1906, D. José de Barros foi à Itália e teve uma conversa com o Superior geral, em Milão, onde se lamentou que a promessa não tivesse sido mantida, e renovou o pedido. Ficou estabelecido que dentro do mesmo ano a fundação seria feita; mas na viagem de volta, o Bispo pereceu no naufrágio do Sírío, e assim mais uma vez os Superiores sentiram-se desobrigados da palavra dada.

O sucessor do Bispo falecido foi seu secretário que o acompanhou na sua viagem à Itália, D. Duarte Leopoldo e Silva. Em 1907 ele escreveu ao Superior geral para conseguir a fundação que prometida fôra, e oferecia uma cidade encantadora, uma das melhores da sua diocese. Também desta vez parecia que se fosse aceitar, mas depois na sessão de fevereiro de 1908, o Conselho geral decidiu declinar a oferta. Neste mesmo ano de 1908, o novo Bispo foi à Itália e encontrou-se com o Superior geral, insistindo na fundação, e oferecendo a cidade de Amparo. O Conselho Geral, com vista da escassez de pessoal, declarou impossível, no momento, aceitar uma fundação estável. Porém deixava livre ao Superior Geral, se considerasse oportuno, mandar para lá alguns Padres, em missão extraordinária e sem obrigação. Na realidade nada se fez.

A dificuldade em aceitar a fundação no Brasil, dependia da necessidade de incrementar a fundação da América do Norte.

**FINALMENTE EM 1910 DEPARAMOS COM A PRIMEIRA FUNDAÇÃO ESTIGMATINA NO BRASIL, OCORRIDA EM CIRCUNSTÂNCIAS ESTRANHAS E IMPENSADAS.**

Apresentou-se em Trento um certo sacerdote Antônio Sansón, que se dizia enviado pelo Bispo de Mariana, em Minas Gerais, para conduzir uma colônia de italianos para a cidade de Sete Lagoas, e afirmou agir de perfeito acordo com o Governo brasileiro. Pedia alguns Padres estigmatinos que deveriam cuidar da colônia e de um pequeno seminário que se pretendia abrir. Para tal fim havia espalhado pelo Trentino uma circular que trazia a aprovação do Bispo. Para dizer a verdade, a aparência daquele padre não despertava muita confiança, e deixava dúvidas quanto à sua veracidade.

Pe. Ballestrazzi, encarregado pelo Superior geral, dirigiu-se ao Ministério do Exterior, procurando informações e, eventualmente algum auxílio para a viagem: e o Comissariado para a emigração responde que "desde 1902 estava proibida a emigração gratuita para o Brasil, devido às péssimas condições em que se encontravam os colonos italianos naquele Estado (País); e que o mesmo

Comissariado se encontrava na obrigação de denunciar à autoridade judiciária os que ajudassem a emigração gratuita para aquele país”.

Apesar de tudo isso o Conselho Geral julgou por bem aceitar o convite, e destinou para aquela fundação os Pes. ALEXANDRE GRIGOLLI e HENRIQUE ADAMI e mais o Ir. DOMINGOS VALZACCHI.

Não podiam sair de nenhum porto italiano, pois vinham sem o visto do Governo italiano. Além do mais a polícia já estava à caça do Pe. A. Sansón. Tiveram pois, que embarcar em Trieste, na Áustria. Naquele tempo não se exigia passaporte, tanto que Pe. Alexandre apresentou como documento uma carta que recebera dos superiores.

Seria importante, para um conhecimento maior de todos os preparativos e conseqüentes problemas relativos à partida e à viagem, ler a "VERDADEIRA HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO E PRIMEIROS PROGRESSOS DA MISSÃO ESTIGMATINA NO BRASIL, pelo Pe. Adami - 1910 -1925" e a "CRÔNICA DA VIDA ESTIGMATINA NA AMÉRICA DO SUL, pelo Pe. Ferruccio Zanetti - 1910 - 1922".

Estão publicadas em "NOSSA MEMÓRIA", volume I, fascículo I.

Após o preparo de tudo e as despedidas, ao sair da Itália, toparam com a polícia. Depois de muitas perguntas e ameaças, como eles não estavam com o Pe. Sansón, puderam passar.



Partiram: Pe. Alexandre Grigolli (29 anos), Pe. Henrique Adami (27 anos) e Ir. Domingos Valzacchi (42 anos), no dia 08 de novembro às 21 horas, a bordo do "ATLANTA", navio de classe única, 75 metros de comprimento e 11 nós por hora. (Pe. Ferruccio Zanetti diz que o navio era o "SOFIA" da sociedade Austro-Americana).

Depois de 22 dias de viagem atribulada, no meio de gente simples, malas, baús, pacotes, gado e tudo o mais, desembarcaram no Rio de Janeiro. Diz Pe. Adami: "Era a sensação restante depois de vinte e dois dias de viagem, que foi o que gastamos de Trieste ao Rio de Janeiro. Era precisamente o DIA DOIS DE DEZEMBRO DE 1910".

## CHEGADA:

Pe. Adami escreve: "Fomos imediatamente para as Ilhas das Flores, que é a ilha dos imigrantes, ... cuidamos das nossas malas, e depois, juntos com o Pe. Sansón e seus três sobrinhos, nos libertamos logo do pessoal da imigração e fomos para a cidade, hospedando-nos no Hotel Itália."

No dia seguinte, de manhã, os dois Padres partiram de trem para Sete Lagoas. Pe. Sansón ficou no Rio com o Ir. Domingos. Este tomou o trem errado e foi parar com as malas em Belo Horizonte. Só se encontrou com Pe. Grigolli em Sete Lagoas, quatro dias depois.

## DESILUSÃO PLENA E TOTAL

Em Sete Lagoas saíram à procura do assentamento e do seminário. Depois de três horas a cavalo chegaram no meio de um mato selvagem - uma casinha de madeira, térrea e com dois quartos, recém fabricada, e uma casa de barro, velha e caindo. Eis tudo!

Pe. Alexandre depois de dizer boas ao Pe. Sansón, dirigiu-se com Pe. Adami a Mariana, a fim de conversar com o Bispo. Era D. Silvério Gomes Pimenta, negro e culto, duas qualidades que impressionaram profundamente os recém-chegados.

"Abrimos nosso coração ao Bispo, e lhe contamos toda a nossa história e a de todas aquelas famílias que conosco vieram da Itália. Ao ouvir-nos ficou maravilhado e derramou lágrimas; não por nós, que seria fácil nos ajudar, mas por aquelas famílias! De nada sabia, tudo foi feito pelo Pe. Sansón, sem que desse o mínimo aviso".

"Pe. Grigolli foi enviado pelo Bispo como "vigário" de Sete Lagoas. Fiquei sozinho em Mariana e Pe. Alexandre em Sete Lagoas, e do Ir. Domingos, nada. Mais tarde me escreveram que Pe. Alexandre e Ir. Domingos estavam juntos em Sete Lagoas. As famílias se espalharam. Ficaram somente os três sobrinhos de Pe. Sansón, e, Ir. Domingos teve oportunidade de observar e provar o que significa fazer limpeza numa casa onde crianças sujaram, desarrumam tudo, gritam choram dia e noite".

Só, em Mariana, Pe. Henrique, 27 anos, desabafa seu sofrimento e mostra a disposição com que vieram ao Brasil para fazer alguma coisa séria e durável.

"Que dias terríveis! Que horas horrorosas! No meu quatinho, sozinho como um condenado, a dura prisão; longe, dias e dias de trem, dos meus companheiros, perscrutava o crepúsculo através da janela; nada havia que pudesse me alegrar. Diante de mim um pasto imenso; lá no fundo dois negrinhos brincando; longe, uma

cisterna aonde alguém vinha buscar água... Nem um barulho, nem um canto... nem um pouco de alegria... triste... triste... com o pensamento na Itália, no Brasil... nos queridos distantes... no futuro incerto, confuso... Chorei; e o fiz muitas vezes! Porém nem um instante de arrependimento, nem um desejo de retornar para a Itália. NÃO, DEUS O QUIS, OS SUPERIORES ESCOLHERAM A NÓS, DOIS JOVENS, PARA COMEÇAR A OBRA NO BRASIL, E A OBRA DEVIA SAIR. DEUS ESTAVA CONOSCO!"

Pe. Alexandre deixou Sete Lagoas, sem falar com o Bispo, o que o desagradou, e foi para São Paulo. Por meio dos Escalabrinianos (Pe. Luiz Capra) esperava encontrar algum lugar onde se estabelecer. "Encontramo-nos mais divididos ainda e distantes um do outro. Pe. Alexandre em São Paulo, eu em Mariana e Ir. Domingos em Sete Lagoas; a maravilha de três dias de viagem entre um e outro".

Tinha medo, escreve Pe. Adami, de que Pe. Alexandre, cansado e desiludido, quisesse voltar para a Itália. Então lhe escrevi: "Caro Pe. Alexandre. Você, agora está em São Paulo, pergunte ao Superior dos Escalabrinianos se tem um pouco de feijão para mim, também, e eu irei aí. Juntos, e com quatro olhos, poderemos ver melhor o que fazer". Logo recebi a resposta: Venha também. Ir. Domingos está aqui comigo, e se tiver necessidade de dinheiro, mande-me um telegrama.

Despedi-me do Bispo e embarquei para São Paulo.

Pe. Alexandre estava num Orfanato dos Escalabrinianos na altura do Ipiranga. Cheguei à noite e fui recebido por ele e pelo Pe. Faustino Consoni, que embora tarde da noite, me havia esperado, para me conhecer, saber do que precisava, etc.

- Se devemos muitas coisas aos Padres Escalabrinianos, de modo muito especial o devemos ao PADRE FAUSTINO CONSONI, que por muito tempo foi nosso guia e conselheiro.



*Pe. Faustino Consoni  
- Escalabriniano -*

Pe. Alexandre buscava inutilmente um local para nos estabelecer. Em vão! Esteve até mesmo em BARRETOS, após conversa com o Bispo de São Carlos. Assim escreve: Barretos está "in finibus terrae" (nos confins do mundo), e se tirar o grande Frigorífico que fornece carne a meio Brasil, não há mais nada. Não é certamente um lugar para FUNDAR UMA MISSÃO. (Eis a insistência do porque estavam no Brasil).

Finalmente, um dia chega a São Paulo o Superior Geral Escalabriniano, que estava em visita às suas casas. Pe. DOMINGOS VICENTINI.

Ainda na Itália nos havia dito: "Logo irei ao Brasil visitar nossas casas; e então, se vocês ainda não tiverem conseguido FUNDAR SUA MISSÃO, EU OS AJUDAREI".

Ofereceu-nos uma Paróquia em Florianópolis. Mas... achamos que não deveríamos aceitar, por vários motivos.

Alguns dias mais tarde nos diz: "E então, poderão ir a Tibagi, no sul do Paraná. Lá estão meus Padres, mas eu devo chamá-los e deixar aquele lugar, pois lá não existem italianos, e nós somos Missionários para os italianos emigrados. Em Tigabi terão uma Paróquia Missão; é sede de comarca; são numerosos os habitantes, embora distantes e dispersos pelo sertão, e existem índios pertencentes a três ou quatro diferentes tribos. Pensem e me dêem logo uma resposta."

Pe. Vicentini e Pe. Alexandre partiram para Curitiba, para combinar e tratar tudo com o Exmo. Bispo D. João Braga. "Ao amanhecer - escreve Pe. Adami - os dois partiram, e nós na igreja, a pedir ao bom Deus, a N. Senhora, ao nosso Venerável, ao Ven. Anchieta e a todos os santos do paraíso, para que tudo saísse bem e aquela MISSÃO nos fosse confiada pelo Bispo."



*Dom João Braga*

Finalmente, depois de dois ou três dias, não me recordo bem, escreve Pe. Adami, chega um telegrama de Curitiba. Peguei-o com as mãos trêmulas... O coração me saltava no peito... abri a folha na presença do Ir. Domingos, e li: "TIBAGI É NOSSO", assinado Pe. Alexandre. Um grito de contentamento retumbou em nosso quarto! Não vimos mais nada, e corremos para a igreja a fim de agradecer o bom Deus e todo o Paraíso, pelo benefício recebido.

Finalmente já não se vivia mais na dúvida! Tínhamos a nossa destinação estabelecida!

- Aqui é preciso parar um pouco. Vimos Jesus e Bertoni mandando evangelizar pelo mundo. Acompanhamos toda a preparação dentro da Congregação para que um dia ela também deixasse a Itália e partisse para outras plagas. Depois de muitas esperanças e esperas, chegou o dia da partida para o Brasil. Após tantas ofertas boas e seguras, foi aceita uma oferta mentirosa. A chegada foi frustrante, porém muito evangélica. Ao chegarem "não havia lugar para eles". Mas os "três mosqueteiros" de Deus vieram dispostos a "chegar, ver e vencer". Confiavam em Deus, viviam em obediência e não tinham medo da pobreza.

Apesar de estarem aqui em casa própria, o sofrimento não acabou, e a tenacidade, a fé, a perseverança, a confiança em Deus teriam que continuar ainda por muito tempo, para que nós pudéssemos ser o que somos hoje. A nossa responsabilidade é muito grande, quando pensamos no que foi nosso início.

- Diz São Gaspar: "Para iniciar um empreendimento é necessário que se tenha alcançado já grandes e heróicas virtudes. Uma coisa é primordial: a pobreza: depois todas as outras virtudes". (MP. 23.07.1809).

## 1911 - TIBAGI

28 de março de 1911. Uma e meia da tarde. Os três peregrinos batem à porta da casa paroquial de Tibagi, que dentro de poucos dias seria deles, e são recebidos. Estavam em casa.

"TIBAGI encontra-se no Estado do Paraná, no Brasil. É sede da comarca homônima e tem 42.000 habitantes, dos quais, cerca de mil reunidos na cidade; os outros estão espalhados por vilas e bairros no sertão. Existe 18.000 índios das tribos Kainganghen, Coroados e Cajuhá. A Missão tem 32.000 km<sup>2</sup>. O clima de setembro a março é quente, chegando, às vezes, a 40°C; nos outros meses é muito agradável; raro que chegue a 0°, e somente nas primeiras horas da madrugada. A vegetação é luxuriante; há frutos de todos os tipos e as folhas e flores permanecem o ano todo.



*Tibagi*

Existe na cidade uma igreja não muito grande, feita de barro, trabalho de escravos em tempo bem distante; as casas (umas duzentas, talvez) estão distribuídas num grande quadrado cortado por belas ruas, ainda que não sejam calçadas, e no centro uma bela praça enfeitada de belos cinamomos. A igreja é rodeada de altas palmeiras, e tem de um lado três sinos com um som maravilhoso. Em Tibagi existe uma meia dúzia de armazéns com todo tipo de mercadoria. No nosso tempo o correio chegava cada oito dias e trazia cartas e tudo o mais numa carrocinha puxada por um cavalo velho e um burro; vinha de Castro. Não há luz elétrica, mas somente iluminação a gás, e as lâmpadas devem ser apagadas quando

há luar. Não há água encanada, somente alguns poços públicos e alguns particulares. Há uma cadeia pública para os casos comuns, os casos mais graves são levados para Ponta Grossa ou ainda para Curitiba, capital do Estado. Uma meia dúzia de soldados faz o melhor para manter a ordem; um prédio bastante bonito e conservado serve como escola elementar até a quinta série. Uma casa simples e suja hospeda o prefeito da comarca que é também deputado estadual. Perto daí existe um advogado; e o que mais sabe é também médico e farmacêutico. Os Padres moram numa casa situada à esquerda da igreja. É uma casa de madeira com quatro quartos, um refeitório, uma cozinha com a própria despensa; é térrea e tem um belo pomar que desce até o rio; tem uma cocheira para os cavalos e outros animais domésticos" (N. M. p. 1141).

Depois de um mês, antes de se retirarem, os Escalabrinianos trataram da venda de tudo o que era deles para nós. Compramos a casa com tudo que tinha, e mais os animais de sela e domésticos. "Não tínhamos dinheiro; só aquela bendita lira e meia e os 6.000 réis do batizado; mas nos foi dado prazo à vontade para pagar, e assim ficou tudo combinado."

Iniciou-se o inventário. Foi tudo anotado, até o último copo e o último garfo. Não fomos às minúcias, pois a vontade de ficarmos finalmente sozinhos e donos de nossa casa, na NOSSA MISSÃO, nos fez passar por cima de muitas coisas. Tudo englobado, também o cavalo e o burro, galinhas e perus, garrafas vazias, alguns sacos de farinha de mandioca e os porquinhos da índia, o total foi de 3 contos e quinhentos mil réis, que em liras italianas corresponde a 10.500. Tempo útil para pagar: à nossa vontade!

Foram aceitos e firmados os papéis por ambas as partes contraentes; dentro de dois ou três dias, iremos a Curitiba para autenticar o contrato com o Provincial dos Escalabrinianos, Pe. Martini, que mora em Santa Felicidade, perto da capital, e com as autoridades governamentais. "Uma garrafa de vinho com gosto de percevejo selou todo o trabalho".



*Igreja de Tibagi*

da Missão".

Imediatamente passou-se ao trabalho, que era paroquial na cidade e missionário no interior. Um dos Padres atendia a cidade e o outro fazia um giro missionário. Depois era feita a inversão. O Irmão, normalmente ficava com o padre da cidade.

As viagens missionárias eram feitas de acordo com a região percorrida. Duravam de 15 até 40 dias. Sempre a cavalo. O padre era sempre acompanhado pelo sacristão rural. É muito lembrado nas crônicas primeiras, o Bonifácio, "o sacristão

Diz Pe. Adami: "Fazíamos nove viagens por ano e cada uma durava um mês ou mais. Fazíamos por turnos, para que aquele que voltava cansado e abatido, tivesse oportunidade de descansar, enquanto o outro saía. Eram divididas segundo os pontos cardeais. Um mês antes da partida devia-se mandar cartas aos chefes do lugar, marcando o dia da chegada do Missionário. Estes eram encarregados de avisar o pessoal da redondeza, para que todos se reunissem tal dia em tal lugar..."

"Visitamos também, dois ou três acampamentos de índios Caynhã e Kaigangen, levando-lhes presentes para fazê-los mais amigos, demos também "goifá" (pinga)."

### **O PRIMEIRO REFORÇO**

A vidinha de missão continuava. O esforço da comunidade era grande e eles estavam satisfeitos cumprindo sua obrigação. Mas... até quando?

Um dia... no dia 12 de dezembro de 1912, receberam uma bela notícia: chegava um novo e poderoso reforço na pessoa do PE. FERRÚCIO ZANETTI, que seria um dos grandes e esforçados missionários do Tibagi. Tinha 32 anos.

Numa das viagens em 1913, Pe. Alexandre sentiu-se mal. Sua doença foi dolorosa e demorada. Os benefícios da medicina eram reduzidos naqueles confins de sertão.

No final de 1913 e no final da doença do Pe. Alexandre, surgiu uma boa notícia: "Pe. João Batista Pelanda partiria em breve da Itália, para vir juntar-se a nós. Logo seríamos quatro sacerdotes".

A idéia de que a vinda para o Brasil era para fazer aqui algo de sério e importante trouxe novas perspectivas.

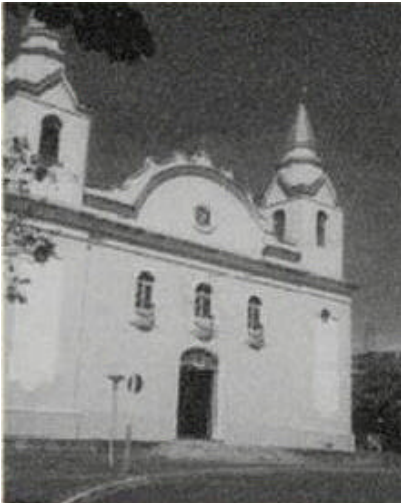
Pe. Adami escreve: "Eu, vendo o quanto era difícil para todos uma doença ou outra coisa qualquer, propus ao Pe. Alexandre fundar uma nova casa no Estado de São Paulo. Lá estaríamos num mundo mais civilizado: poderíamos em caso de doença, ter melhor tratamento e depois para EXPANDIRMO-NOS, pois ainda virão da Itália outros Missionários, e poderemos firmarmo-nos melhor e fazer um grande bem. Apareceram algumas dificuldades, mas não insolúveis: tratava-se de nos dividirmos por alguns dias? E depois? Seria possível? Mas, considerando que, se tudo corresse bem seria ótimo, e em caso contrário não seria mal, já que tínhamos o nosso trabalho (e que trabalho!) em Tibagi, decidiu-se afirmativamente. Então parti para São Paulo."

Em São Paulo não foi conseguido nada, mesmo com a ajuda dos Escalabrinianos. O Bispo atual era o secretário do Bispo falecido e ainda guardava

mágoas da quebra da promessa. - Foram, Pe. Adami e um escalabriniano a Campinas. O Bispo (D. João Neri) ofereceu-lhes uma capelania na igreja de N. Senhora da Boa Morte, em Limeira.

### 1914 - LIMEIRA

No dia 02 de julho. Pe. Henrique Adami e Pe. João Batista Pelanda que havia chegado em janeiro, tomam posse da "fundação".



*Igreja. N. Sra. da Boa Morte*

Escreve Pe. Adami: "Chegamos na cidade onde ninguém nos esperava (embora Pe. Pelanda falasse de banda, povo, discursos a fazer, etc, fomos até a casa do vigário e logo em seguida à igreja de N. Sra. da Boa Morte. Se bem me lembro só o presidente da Sociedade homônima veio nos ver e instalar, lá em cima nas tribunas da igreja.

Mal acomodados, cheios de trabalho, pois eram capelães de freiras, coadjutores, e tudo o mais, além de não serem bem vistos pelo pároco que não os desejava.

"Em setembro... Pe. Alexandre que estava em Limeira, depois de ver o movimento na igreja e o meu corre-corre, a vida que levava para preparar um pouco de comida, chamou-me e disse: "O que estamos fazendo aqui? Aqui jamais servirá para uma fundação nossa! Rio Claro, veja, Rio Claro, é um bom lugar! Aquilo vale a pena".

Em conversa com o pároco de Rio Claro, Mons. Francisco Botti ficou acertado que iriam para lá ajudá-lo. Foi-nos oferecido a igreja de S. Benedito e a igreja de Santa Cruz. Resolveram pela segunda. Em surdina, arrumaram as próprias coisas e bem de manhãzinha, sem saudades nem deles e nem do pároco, desapareceram de Limeira. Era o dia 05 de outubro de 1915.

### 1915 - RIO CLARO

E assim a mesma turma que chegou ao Brasil, tomou posse da igreja de Santa Cruz, que pertencia à Irmandade do Carmo.

A IMPORTÂNCIA DESTA DATA É MUITO GRANDE, POIS, PRATICAMENTE, É EM RIO CLARO QUE TEM BASE A FUNDAÇÃO ESTIGMATINA NO BRASIL.

ESTA CASA SERÁ A FORJA QUE IRÁ PLASMAR TODO O FUTURO ESTIGMATINO NO BRASIL. ESTE DIA DEVERIA SEMPRE SER LEMBRADO POR NÓS AINDA HOJE.

O trabalho de adaptação da casa da capela, feito pela comunidade foi aos poucos deixando a fundação num relativo bem-estar.

D. João Neri, vindo de Campinas para dar posse da casa e da igreja à Congregação, disse no seu discurso: "Ajudem estes Padres, que vieram para fazer um grande bem a vocês, e moram, como vêem, na casa mais miserável de Rio Claro".

O trabalho consistia em atendimento na igreja Santa Cruz, coadjutoria na Matriz, capelania das Irmãs da Santa Casa, do Puríssimo Coração de Maria e às do Hospital de S. Vicente. Havia ainda capelania do Leprosário e atendimento da zona rural.

Na semana santa de 1916, Pe. Adami escreve: "Pe. Alexandre e eu pregamos a primeira Missão em português na nossa igreja, e foi um sucesso". Cuidavam também da Paróquia de Cordeiros (hoje Cordeirópolis).

Tudo correu bem até o ano de 1919.

### **1919 - ANO PERIGOSO E DECISIVO**

Com duas casas, quatro Padres e um irmão, o trabalho estigmatino continuou pesado e inalterado até o ano de 1919.

No dia 15 de junho, Pe. Alexandre vai à Itália para o 20º Capítulo Geral e por lá permaneceu. Em Rio Claro estão Pe. Pelanda e Pe. Adami; em Tibagi Pe. Ferrúcio e Ir. Domingos.

Pe. Ferrúcio em sua crônica escreve: "Dezembro de 1919 - chegou uma carta do Geral ao Pe. João intimando-o a fechar Rio Claro e se recolherem os dois em Tibagi. - O escritor que tem boa memória pode referir aqui, quase "ipsis verbis" uma frase típica da tal carta: não ponham objeção que foram examinadas no Conselho. É um papel feio, percebo: isto, porém, se apresenta como o inevitável. Sacerdotes para o Brasil não há. Esta carta foi lida pelo escrevente com permissão do Pe. João, numa viagem que fez a Rio Claro. Pe. João não acreditou no "inevitável", como também quem escreve: e movimentou mundo e fundo para esconjurá-lo. Sorte dele que conseguiu seu intento. Realmente, enviadas cartas ao Geral, pelo Bispo, pelo Vigário e pelo Pe. Faustino Consoni, de São Paulo, a "inevitável" decisão do Conselho desmoronou (bom para nós e para a Congregação)..."

## 1920 - ANO DA GRAÇA E DEFINITIVO

O mundo dá muitas voltas e as coisas mudam. Foi o que se deu com o Superior geral Pe. João Batista Tomasi e seu Conselho.

A crônica do Pe. Ferrúcio diz: "Março de 1920 - uma carta do Superior geral dá um começo de esperança, deixando prever a expedição de reforço"; e a do Pe. Adami acrescenta: "Aos 03 de novembro de 1920 chegam em Rio Claro: PE. ALBINO SELLA, Pe. José Tondin, Pe. Cirilo Zadra e Ir. Carlos Valenti".

O sacrifício dos primeiros a chegar, seus esforços no trabalho, sua "teimosia" em fundar algo permanente e frutuoso ia colher os primeiros frutos e a Congregação iria se firmar definitivamente aqui no Brasil. Dos quatro recém-chegados, três marcaram muito a nossa história.

PE. ALBINO SELLA pode ser chamado de ALMA DA FUNDAÇÃO ESTIGMATINA NO BRASIL. Vale a pena citar um trecho de Pe. César Bianco que o conheceu bem e era seu admirador: "Porque salientar Pe. Albino Sella? Porque embora não tenha sido o primeiro a chegar, foi único a trabalhar, na opinião da grande maioria, foi aquele que mais contribuiu para que os estigmatinos se radicassem e se desenvolvessem no Brasil".



*Pe. Albino Sella*

Chegou no momento crucial, quando os superiores mandavam fechar a casa de Rio Claro e voltar para o Paraná. Um ano apenas depois de sua chegada lança a primeira pedra da Escola Apostólica, e três anos depois começa o nosso Seminário que floresceu, prosperou e formou mais de uma centena de sacerdotes e dezenas de Irmãos". (Pe. César Bianco).



*Pe. José Tondin*

Pe. JOSÉ TONDIN com seu carisma de construtor foi mandado por Deus para complementar o trabalho de Pe. Albino. "O cronista de Rio Claro, em 1929 (B. Ab. M. Ju. - p. 79) foi profeta ao dizer: "O nome de Pe. Tondin, aconteça o que acontecer, ficará eterno em Rio Claro, ligado à bela Casa que aqui temos. Nela trabalhou com verdadeira inteligência e paixão, ganhando fama de engenheiro sério e genial, embora não tenha freqüentado Universidade, nem conseguido diploma algum". O único engano do cronista é que a fama não ficou somente restrita a Rio Claro, mas se expandiu por toda a Província.

IR. CARLOS VALENTI "foi o mantenedor da incipiente Escola Apostólica do Rio Claro. Com a sua pequena caminhonete rodava todos os bairros de Rio Claro e até mesmo de outras cidades vizinhas, como Piracicaba, em busca de alimentos. Alimentos para os seminaristas e muitas vezes, juntamente com os alimentos, trazia mais seminaristas. Desde o tempo da construção do Colégio foi sempre o recolhedor de donativos".



*Ir. Carlos Valenti*

Aqui vai uma curiosidade de Tibagi. Diz a crônica do Pe. Ferrúcio: "28 de junho de 1920 - (segunda-feira) - Pe. Ferrúcio indo "ad hoc" a São Paulo nos últimos dias, volta hoje para Tibagi com um automóvel. No passado teria sido um sonho, devido à falta de estradas". Foi o primeiro "automóvel" a entrar em Tibagi.